

A TENSÃO COMO UM CONTRASTE ENTRE TEMPOS E SABERES

LAÍS MONIQUE ORLANDIN¹; MARTHA GOMES DE FREITAS²

¹*Universidade Federal de Pelotas – laismorlandin@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – marthagofre@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este estudo é parte da minha pesquisa em desenvolvimento dentro das artes visuais, a qual se originou através do meu interesse pela utilização de materiais simples na escultura. A partir disso, passei a explorar a potência poética desses materiais, refletindo sobre como a tensão se manifesta em minhas obras.

O presente resumo se justifica ao propor uma reflexão acerca da possibilidade de tensionar materiais orgânicos na forma em que são encontrados com outras configurações, manipuladas pelos artistas, propondo um olhar sensível sobre elementos naturais muitas vezes considerados descartáveis.

Diante disso, a atual pesquisa tem como foco propor possibilidades poéticas que questionem a tensão em minhas esculturas compostas por gravetos revelando e valorizando as formas naturais da madeira.

Nesse sentido, trago o artista italiano Giuseppe Penone (2016), vinculado à Arte Povera, o qual valoriza o material trabalhado; a instalação *Ponte* (2015), do artista visual peruano, Santiago Roose, que contrapõe madeira manufaturada e galhos brutos e a obra *Correções B*, com granito, do artista brasileiro, Iran do Espírito Santo (2001), para dialogar com dois trabalhos autorais, produzidas durante as disciplinas de Ateliê Livre e Introdução à Escultura em 2025.

2. METODOLOGIA

Partindo das formas encontradas na natureza, passei a refletir sobre como a cor, a forma e a estrutura dos gravetos, madeira em sua forma não processada, poderiam ser valorizadas e utilizadas nas minhas esculturas. As marcas do tempo, do clima e do ambiente onde eles cresceram, permitem explorar uma configuração que contém curvas, texturas e irregularidades. Essa abordagem encontra respaldo no pensamento do artista Giuseppe Penone que afirma em entrevista ao se referir ao uso de materiais, como madeira, bronze e pedra: “Quando faço um trabalho com a madeira, não estou usando a madeira para fazer sabe-se lá que tipo de trabalho ou que tipo de forma. O que eu faço é revelar a própria forma da madeira” (CÂMARA e DAYRELL, 2015, p. 34). Assim, evidenciando as qualidades dos galhos selecionados para as minhas produções, tento manter uma proximidade com o contexto orgânico. Nesse sentido me aproximo das palavras de Penone, ainda que sob outro processo.

No primeiro trabalho (Imagem 1), entalho diversos gravetos, deixando alguns com a madeira mais exposta e outros com maior parte da casca. Após o entalhe, junto esses gravetos com fita crepe Kraft em uma sequência a qual se inicia por um graveto completamente natural imerso no solo, seguido de outros gravetos, outras seções, cada vez mais entalhados e finalizado por um único palito de fósforo longo no topo.



Imagen 1. Laís Orlandin, *Sem título*, 2025. Gravetos entalhados, fita crepe Kraft e palito de fósforo.

Dando seguimento, passo para o segundo trabalho intitulado *Casas da árvore* (Imagen 2). Nele parto da estrutura mais básica de uma casa, o cubo, realizando uma intervenção em que construo três cubos de tamanhos diferentes com gravetos e barbante de sisal. Cada um desses cubos está posicionado diretamente sobre a árvore, sendo uma das arestas da estrutura formada por um galho mais robusto, vivo.



Imagen 2. Laís Orlandin, *Casas da árvore*, 2025. Gravetos entalhados e fio de sisal.

Após o desenvolvimento dos trabalhos percebi que a tensão poderia estar presente em ambos, no primeiro (Imagen 1) através de aspectos construtivos que reúne diferentes tipos de gravetos em diferentes estágios de manipulação, sendo finalizado com o fósforo, que é um utensílio. No segundo (Imagen 2) há um contraste entre as arestas geométricas dos cubos e as bifurcações naturais da árvore. Diante disso, é possível estabelecer um diálogo entre minhas produções e outras obras artísticas, partindo da tensão como disparador poético.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre o primeiro trabalho e o segundo percebo diferentes formas em que a tensão se faz presente. Na Imagem 1 a tensão é implícita, o fósforo colabora para uma sensação de instabilidade e expectativa, pois ao mesmo tempo em que se “constrói” um percurso bastante delicado, um pequeno detalhe presente, o fósforo, pode destruí-lo a qualquer momento. Esse utensílio desestabiliza toda peça. Já em *Casas da Árvore*, cujo título pode sugerir uma espécie de devolução do material para o seu lugar de origem, exploro a tensão através da dualidade entre o que pertence naturalmente a árvore e o que foi construído.

Por um paralelo entre as diferentes qualidades da madeira, a obra *Ponte* de Santiago Roose (Imagem 3), estabelece uma tensão entre o material na sua forma mais bruta e o manufaturado, materializada no contraste entre galhos irregulares, marcados pelo tempo e pelo crescimento natural, e estruturas de madeira serrada, com cortes precisos e ângulos retos. O título *Ponte* reforça essa leitura, pois não apenas remete à estrutura física da obra, sua configuração, mas também me faz pensar na tentativa de ligação entre esses dois modos de existir da madeira, através de diferentes tempos e saberes.



Imagen 3. Santiago Roose. *Ponte*, 2015, madeira. Instalação na 10ª Bienal do Mercosul (Usina do Gasômetro).

Para finalizar, trago ainda a obra “Correções B” de Iran do Espírito Santo (Imagem 4), a qual apresenta um conjunto de pedras de granito lapidadas de tamanhos diferentes. Nela a tensão está presente na modificação feita em um elemento natural, as pedras, trazendo a racionalidade humana para um material orgânico. Ao refletir sobre sua prática, Espírito Santo afirma: “Vou seguindo a forma original da pedra, sem prever. Tem um jogo de controle e não controle” (ESPÍRITO SANTO, 2020, entrevista em vídeo). Essa declaração revela que a tensão não se dá apenas no resultado formal, mas no próprio processo criativo, em que o artista assume a imprevisibilidade do material como parte constitutiva da obra.

Tal forma de produção dialoga com a fala de Penone que se refere aos materiais: “Eles têm suas características próprias e específicas, que não podem ser desconsideradas, caso contrário obtém-se uma forma sem interesse.” (CÂMARA e DAYRELL, 2015, p. 34). Dessa maneira, percebe-se que tanto Espírito Santo quanto Penone valorizam a potência expressiva da matéria natural,

construindo suas obras a partir de uma relação de cumplicidade com o material trabalhado.



Imagen 4. Iran do Espírito Santo. *Correções B*, 2001, 10 pedras de granito, dimensões variáveis.

4. CONCLUSÕES

Assim, ao relacionar minhas obras com produções de outros artistas, percebo que a tensão se configura como eixo comum, ainda que manifestada de diferentes maneiras, sendo pela oposição explícita entre formas orgânicas e construções racionais, sendo pela fragilidade que sugere instabilidade, sendo pela intervenção humana sobre elementos naturais. Esse percurso permitiu compreender que a tensão não é apenas um recurso formal, mas um princípio poético que atravessa processos criativos distintos e que encontra, nos materiais simples, um campo potente de experimentação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMARA e DAYRELL, USP. **Entrevista com Giuseppe Penone**. Revistas ARS, São Paulo, 08 dez. 2016. n.29. Acessado em 20 ago. 2025. Online. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ars/article/view/123858/127928>

ESPÍRITO SANTO, Iran do. **Live - Bate-papo com IRAN DO ESPÍRITO SANTO**. [Entrevista concedida a Rodrigo Monteiro de Castro e Guilherme Setoguti]. YouTube, 13 de novembro de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/live/FIOLxyGfWAg?si=ffu8fM_q0uvEk4pZ. Acesso em: 25 ago. 2025.